

**LÍNGUA PORTUGUESA – QUESTÕES DE 01 A 10**

- Leia o texto abaixo e responda às questões a ele referentes:

**SOMOS NÓS MESMOS**

[...]

- § 1 Nosso hábito, como qualquer debatedor ou expositor corrobora, dos botecos às academias, é falar em nós mesmos como se nos estivéssemos referindo a terceiros. [...] Não só falamos sobre o Brasil como uma entidade à parte da gente como, principalmente, os brasileiros não somos nós, são sempre os outros. O brasileiro não tem jeito — dizemos —, o brasileiro é assim ou assado. Se o brasileiro perdesse tal ou qual hábito, se o brasileiro fizesse isto ou aquilo, a situação melhoraria bastante, é que o brasileiro não se emenda.
- § 2 Em tempos talvez piores, mas certamente mais simples, era ainda mais fácil, porque minha geração foi criada com uma facilidade muito grande para botar a culpa nos outros. Ou a culpa era dos americanos ou era dos comunistas. Estes últimos, aliás, com a queda da União Soviética, têm feito uma falta enorme, pois nem a pornografia infantil ou as secas no Nordeste podem mais ser-lhe imputadas. Quanto aos americanos, continuam e continuarão aprontando, mas já está ficando meio ridículo e, talvez até entre esquerdistas, pode sair vaia se alguém começar com aquela cantilena de antanho, sobre como tudo é armação do imperialismo americano.
- § 3 Com as comemorações do Descobrimento, a culpa tem andado bastante nas costas dos portugueses. Se não fossem os portugueses, o Brasil ostentaria a mesma prosperidade, como já tive a oportunidade de lembrar aqui, que países colonizados pelos holandeses, ingleses ou franceses, tais como a Indonésia, a Nigéria, o Zimbábue, o Suriname, a Costa do Marfim, o Sudão, a Índia, a Guiana, e assim por diante. A mestiçagem deslavada também é responsável por esta situação calamitosa. Os brasileiros são uma mistura impraticável de negros, brancos e orientais de todas as origens e isto, naturalmente, não pode dar certo. E, assim, vítima de destino tão ingrato, o Brasil, como ouvimos desde criancinhas, está à beira do abismo e, impotentes, assistimos a tudo de braços inapelavelmente cruzados, nada podemos fazer.
- § 4 Sei que é chato lembrar e que algum de vocês talvez tenha de recorrer a um terapeuta, pois a realidade é frequentemente insuportável e inaceitável, mas a realidade é que este país, não obstante os esforços em contrário feitos ao longo da História, inclusive a recente, tem sido nosso há algum tempo, tem estado em nossas mãos e, lamentavelmente, é responsabilidade nossa. E, horror dos horrores, os brasileiros somos nós mesmos e não terceiros, a quem possamos aludir com ares de superioridade. Tudo o que está aí, em última análise, é obra nossa e problema nosso, da sujeira nas ruas à violência.
- § 5 Os políticos, por exemplo, como também já disse diversas vezes aqui, não foram importados de Marte, ou sequer do Haiti, foram produzidos no Brasil mesmo. Contenha o protesto revoltado que se levanta em seu peito varonil (ou feminino; perdão, companheira), ponha a mão na consciência e reconheça: os políticos somos nós, brasileiros como nós, não são “eles”. Quem está no Executivo, no Legislativo e no Judiciário não são os imperialistas americanos e muito menos os dependentes do ouro de Moscou, somos nós mesmos. Éramos nós mesmos até no tempo da ditadura militar, pois, apesar de um militar ou outro se considerar alemão, a verdade é que também eles nasceram aqui e se formaram aqui, são militares brasileiros.
- § 6 O povo e a elite, entidades a que nunca pertencemos (raramente se usa hoje a expressão “Zé Povinho”, mas se usam equivalentes contemporâneos, como “o povão”), são também a gente, não são “eles”, os alienígenas solertes com que o destino ingrato aquinhoou “esse país”. Da mesma maneira, quem bagunça o tráfego com bandalhas somos nós, quem joga lixo na rua somos nós, quem trata mal os que procuram os serviços públicos somos nós, quem é corrompido somos nós, quem suborna o guarda (e o próprio guarda também, é claro) somos nós, quem destrói o patrimônio público somos nós, quem entope os rios, costas e lagoas de lixo e esgotos somos nós, quem sonega impostos somos nós e até quem assalta somos nós. Talvez alguém ofereça uma tese segundo a qual o Brasil, como se fala da polícia carioca, tenha uma banda podre. A esta, naturalmente, nenhum de nós pertence.
- § 7 Claro, nenhum de nós se inclui nesse rol abominável. Tudo bem. Nenhum dos leitores deste jornal, muito menos os desta coluna, notadamente o seu autor, jamais praticou ou compactuou com qualquer ato que reprova tão acerbamente todos os dias. É coisa de brasileiro, o brasileiro é assim mesmo. Como seria bom que o brasileiro mudasse, não é mesmo? Mas não muda, é um inferno. Chato, muito chato mesmo, pensar no assunto e chegar à conclusão de que ou estamos malucos ou querendo ficar, pois os responsáveis não são alguma babá, somos de fato nós mesmos. Poderíamos começar a melhorar a situação do país se metêssemos na cabeça, de uma vez por todas, que os brasileiros não são “eles”, somos nós. E fomos nós que construímos tudo isto que está aí, somos nós que mantemos tudo isto e nada disto vai mudar, a não ser que assumamos a dolorosa verdade que nós somos nós.

01. Tendo em vista o sentido global do texto, é CORRETO afirmar que o brasileiro tem a tendência de:
- a) querer ver os problemas resolvidos com facilidade.
  - b) culpar os outros pelos problemas que enfrenta.
  - c) atribuir a culpa de tudo às gerações anteriores.
  - d) achar que os políticos resolvem com facilidade qualquer problema.
02. O emprego da expressão “aquela cantilena de antanho” (§ 2) sugere que o discurso que se fazia para a geração do autor era:
- a) pleno de ódio e de revolta.
  - b) arcaico, com palavras desusadas.
  - c) repetitivo ao longo do tempo.
  - d) ofensivo aos grupos de esquerda.
03. A linguagem irônica se faz presente ao longo do texto. Assinale a passagem que NÃO ilustra a ironia, representando assim um pensamento de fato do autor:
- a) “Os brasileiros são uma mistura impraticável de negros, brancos e orientais de todas as origens e isto, naturalmente, não pode dar certo.” (§ 3)
  - b) “Nenhum dos leitores [...] jamais praticou ou compactuou com qualquer ato que reprova tão acerbamente todos os dias.” (§ 7)
  - c) “Claro, nenhum de nós se inclui nesse rol abominável.” (§ 7)
  - d) “E fomos nós que construímos tudo isto que está aí [...]” (§ 7)
04. O autor se valeu da citação de países como “a Indonésia, a Nigéria, o Zimbábue, o Suriname, a Costa do Marfim, o Sudão, a Índia, a Guiana” (§ 3) para:
- a) reiterar que a situação do Brasil seria bem melhor se colonizado por holandeses, ingleses ou franceses.
  - b) demonstrar que a colonização portuguesa foi mais predatória do que a realizada pelos holandeses, ingleses ou franceses.
  - c) invalidar a tese de que a colonização realizada por nações hoje desenvolvidas trouxe mais prosperidade aos países por elas colonizados.
  - d) atribuir a culpa das mazelas atuais do Brasil às ações empreendidas por outras nações colonialistas como a Holanda, a Inglaterra e a França.
05. “O povo e a elite [...] não são ‘eles’, os alienígenas solertes com que o destino ingrato aquinhoou ‘esse país’.” (§ 6)
- Das alternativas abaixo, assinale aquela que NÃO serve para ilustrar alguns desses “alienígenas solertes” referidos pelo autor:
- a) Os soviéticos.
  - b) Os americanos.
  - c) Os portugueses.
  - d) Os militares brasileiros.

06. O autor se vale de palavras ou expressões altamente sugestivas, de valor conotativo. Assinale a alternativa em que a conotação atribuída à palavra ou expressão sublinhada NÃO condiz com o sentido geral do texto:
- a) “Nosso hábito, como qualquer debatedor ou expositor corrobora, dos botecos às academias, é falar em nós mesmos como se nos estivéssemos referindo a terceiros.” (§ 1) / sugere pluralidade de espaços situacionais, dos mais informais aos mais formais.
  - b) “Quanto aos americanos, continuam e continuarão aprontando [...]” (§ 2) / sugere procedimento indevido, quase sempre fazendo o que não deve ou provocando confusão.
  - c) “[...] impotentes, assistimos a tudo de braços inapelavelmente cruzados, nada podemos fazer.” (§ 3) / sugere uma atitude de aceitação passiva, de inatividade.
  - d) “Talvez alguém ofereça uma tese segundo a qual o Brasil [...] tenha uma banda podre.” (§ 6) / sugere a indiferença do brasileiro a problemas que o afligem, como a poluição ambiental.

07. “[...] mas a realidade é que este país, não obstante os esforços em contrário feitos ao longo da História, inclusive a recente, tem sido nosso há algum tempo [...]” (§ 4)

O trecho sublinhado na passagem acima pode ser substituído, sem que haja substancial alteração de sentido, por:

- a) haja vista os esforços em contrário feitos ao longo da História.
  - b) em que pesem os esforços em contrário feitos ao longo da História.
  - c) em razão dos esforços em contrário feitos ao longo da História.
  - d) em conformidade com os esforços em contrário feitos ao longo da História.
08. “Em tempos talvez piores, mas certamente mais simples, era ainda mais fácil, porque minha geração foi criada com uma facilidade muito grande para botar a culpa nos outros.” (§ 2)  
“[...] quem trata mal os que procuram os serviços públicos somos nós [...]” (§ 6)

É frequente a confusão que se faz entre mal e mau, bem como entre porque e por que. Assinale a alternativa em que a palavra em destaque aparece grafada INCORRETAMENTE:

- a) O problema da corrupção no Brasil vai de mau a pior.
- b) Os brasileiros agem desse modo porque se sentem espoliados.
- c) É difícil encontrar um brasileiro de mau humor.
- d) Muitos brasileiros não conseguem entender por que há tanta corrupção no país.

09. “O povo e a elite, entidades a que nunca pertencemos [...], são também a gente [...]” (§ 6)

Das alterações processadas na passagem acima, aquela em que o emprego da preposição em destaque CONTRARIA a norma culta da língua é:

- a) O povo e a elite, entidades com que nunca nos identificamos, são também a gente.
- b) O povo e a elite, entidades em que nunca confiamos, são também a gente.
- c) O povo e a elite, entidades a que nunca fizemos parte, são também a gente.
- d) O povo e a elite, entidades por que nunca nos interessamos, são também a gente.

10. Das alterações processadas em passagens do texto, assinale aquela em que há ERRO de concordância verbal:

- a) “Claro, nenhum de nós se inclui nesse rol abominável.” (§ 7) / Claro, nenhum de nós nos incluímos nesse rol abominável.
- b) “E fomos nós que construímos tudo isto que está aí [...]” (§ 7) / E fomos nós quem construiu tudo isto que está aí.
- c) “[...] este país [...] tem sido nosso há algum tempo [...]” (§ 4) / este país tem sido nosso faz muitos anos.
- d) “Sei que é chato lembrar e que algum de vocês talvez tenha de recorrer a um terapeuta [...]” (§ 4) / Sei que é chato lembrar e que alguns de vocês talvez tenham de recorrer a um terapeuta.